

ORIGENS DO BATUQUE¹

Norton F. Corrêa
nortonfc38@ gmail.com

A fundação de grandes charqueadas de nível industrial, nos finais dos anos 1700, em Pelotas, foi a razão principal para a importação de escravos negros para o Rio Grande do Sul.

A maior parte deles foi trazida de outros locais do Brasil, destacando-se o Rio de Janeiro, mas é possível que alguns tenham vindo diretamente da África. Da mesma forma como ocorreu em todo o País, cerca de 70% dos cativos eram bantos (do antigo Congo, Angola e Moçambique), e 30% sudaneses (Nigéria e Benin).

Para se ter uma idéia da importância do charque, em 1833, em Pelotas, havia 5 mil escravos, além de pardos e livres. Graças à atividade charqueadora, também, quase um terço dos 285 mil habitantes da população rio-grandense, em 1858, era composta por tais categorias.

Destinado principalmente à alimentação dos escravos da mineração, nas Minas Gerais, e às tripulações dos navios, o charque produzia rios de dinheiro. Entre outros resultados, temos o luxo e a suntuosidade da arquitetura de Pelotas, o crescimento de sólidas empresas locais e a fundação do primeiro banco gaúcho, o Banco Pelotense.

Algo diretamente relacionado a esta explosão de riqueza, mas muito dificilmente mencionado na historiografia, é o fato de que o Rio Grande do Sul deve à mão-de-obra escrava no mínimo a construção das bases de sua infra-estrutura econômica. Não custa lembrar que quando os primeiros imigrantes europeus chegaram, já nos anos 1820, encontraram uma economia regional em franco andamento, governo, estradas, cidades.

Por volta de 1850, o grande comércio charqueador entrara em declínio. Paralelamente, o incremento da produção do café, em São Paulo, demandava mais e mais braços, determinando a venda de boa parte da escravaria gaúcha para o Sudeste.

Neste meio tempo, o crescimento de cidades, principalmente Porto Alegre, provocara o surgimento de um mercado de serviços urbano de consideráveis proporções – carregadores, artesãos, serviços domésticos e públicos, vendedores etc. - o que também provocou o deslocamento de escravos para a capital da província. Muitos deles foram atuar como “negros de aluguel” ou “de ganho”, como eram chamados, que deveriam trazer para o senhor, no fim do dia, semana ou mês, o que recebera.

A vida de muitos escravos urbanos era bem diferente dos das charqueadas ou fazendas. Pelo fato de exercerem suas atividades na rua, não podiam ser tão controlados como os outros, sumiam mais facilmente da vista do senhor, além de conseguirem juntar dinheiro com serviços extras, o que muitas vezes resultava em alforria.

Aos poucos, a resistência constante do escravo em se submeter, as dificuldades cada vez maiores de fiscalização, vão contribuir também para a desagregação progressiva do sistema escravocrata. É nessa época – já estamos nas primeiras décadas dos anos 1800 – que surgem as condições para a fundação dos primeiros núcleos religiosos afro-brasileiros nas cidades mais importantes do País. No Sul, esta religião é chamada de batuque.

Ao que se pode supor, o primeiro templo teria sido fundado em Rio Grande, outros, depois, em Pelotas e finalmente Porto Alegre, de onde, a partir do final dos anos 1950, a religião cruzou as fronteiras do Uruguai e Argentina. Estimativas sugerem um número em torno a 40 mil casas de culto no Estado, muito mais do que no Rio, São Paulo e mesmo

¹ Publicado em Santos, Irene. (Org.). Porto Alegre: Do Autor, 2005, p. 111

Bahia. O ritual, dirigido pela figura da mãe (ou pai) de santo, cultua orixás africanos, sendo os cânticos sagrados executados em jêje, ijexá, oió e nagô, línguas originárias da África.



Na Capital gaúcha, o templo mais antigo de que se tem notícia foi o da Mãe Rita, na Várzea, hoje Parque Farroupilha, nos anos 1800. Após a Abolição, principalmente, as famílias negras foram se instalando na então Colônia Africana, hoje bairro Rio Branco e na Bacia (Auxiliadora-Mont'Serrat), naquele tempo subúrbios da cidade, onde também surgiram casas de batuque. E na Ilhota, uma pequena ilha formada pelo arroio Dilúvio (na avenida Ipiranga).

Mãe Rita

Dentre todos os chefes, destaca-se a figura legendária do Príncipe Custódio, integrante de uma família real africana que, exilado pelos colonizadores ingleses de seu país, se instalou em Porto Alegre na década de 1930, fundando uma casa de culto na Cidade Baixa. Recebendo uma gorda pensão em libras, convivia muito familiarmente com a alta sociedade local, incluindo-se o governador Borges de Medeiros que, diz-se, era seu filho de santo.



Príncipe Custódio

Os templos religiosos afro-brasileiros exerceram e exercem papel social importantíssimo, na sociedade gaúcha, atuando como *locus* de resistência, proteção, sociabilidade e de construção de uma identidade coletiva para grandes segmentos das massas negras urbanas.